

O CRISTÃO E AS IDOLATRIAS POLÍTICAS

*Francisco Cauê Cruz de Oliveira Paula**

RESUMO

A atuação cristã no âmbito público, especialmente no campo da política, é objeto constante de discussão. Inúmeras questões surgem nessa seara, principalmente direcionadas pelo propósito último do homem de glorificar a Deus em todos os âmbitos de sua vida. Este artigo visa auxiliar os cristãos na tarefa de, a partir de uma cosmovisão cristã, dialogar com algumas das principais ideologias políticas da nossa época: liberalismo, marxismo, conservadorismo, democracia e nacionalismo. Para cumprir tal propósito, primeiramente correlaciona os conceitos de ideologia e idolatria. Em seguida, analisa, a partir do conceito de idolatria, as principais ideologias políticas, organizadas de acordo com os ídolos que ocupam seus altares: indivíduo, comunidade, tradição, igualdade e Estado. Finalmente, observam-se dois aspectos que unem as ideologias políticas, o fundamento autônomo e a busca por satisfação como fim, concluindo que o cristão deve se relacionar criticamente com as ideologias políticas.

PALAVRAS-CHAVE

Cosmovisão cristã; Idolatria; Política; Ideologias políticas.

INTRODUÇÃO

O cristão deve se envolver significativamente com a política a partir de uma visão de mundo bíblicamente orientada,¹ buscando glorificar a Deus em todo o processo (1Co 10.31 e Rm 11.36). Ao criar o homem, Deus deu a ele

* O autor é bacharel em Direito pela Universidade Federal do Maranhão, especialista em Estudos Teológicos pelo Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper e aluno no programa de certificado em Filosofia da North-West University, África do Sul.

¹ Em torno desse tema gira grande parte da discussão do livro: GRUDEM, Wayne. *Política segundo a Bíblia: princípios que todo cristão deve conhecer*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

um mandato de produzir cultura, cultivando e conservando toda a realidade criada (Gn 1.26, 28; 2.5, 15, 19). Tal mandato inclui a possibilidade de o cristão atuar no âmbito político. Apesar do grau de corrupção existente, a política é preservada pela graça comum de Deus, o qual age na “restrição dos efeitos do pecado depois da Queda, preservação e manutenção da ordem criada, e distribuição dos talentos entre os seres humanos”². Assim, afirmamos³ com João Calvino: “Não se deve, pois, ter a menor dúvida de que o poder civil é uma vocação não somente santa e legítima diante de Deus, mas também deveras sacrossanta e honrosa entre todas as demais”⁴.

Uma questão, entretanto, se apresenta ao cristão que almeja atuar no âmbito político: qual caminho ele deve seguir? Pela direita ou pela esquerda? Ele deve ser, em termos do romance *Esau e Jacó*, de Machado de Assis, como o progressista Paulo ou como seu irmão gêmeo “oposto”, Pedro? Liberal ou conservador? Deve buscar conservar a ordem existente ou revolucionar?

Não há dúvidas de que essas perguntas, por menos complicadas que pareçam à primeira vista, são extremamente complexas em suas variadas respostas. Não é assunto simples discutir ideologias políticas. Portanto destaque-se, desde já, que este artigo é uma provocação ao refletir político, feita a partir de uma cosmovisão cristã, sem quaisquer pretensões de esgotar o assunto. Especificamente, a reflexão a seguir toma por base, em grande parte, a análise do livro *Visões e Ilusões Políticas*, do professor David T. Koyzis.⁵

1. IDEOLOGIA E IDOLATRIA

No livro *Visões e Ilusões Políticas*, Koyzis analisa as principais ideologias políticas contemporâneas. Sua tese central gira em torno da percepção de que as ideologias políticas possuem raízes idólatras – na realidade, ele chama as ideologias de idolatrias. Koyzis afirma: “Como as idolatrias bíblicas, cada ideologia se fundamenta no ato de isolar um elemento da totalidade criada, elevando-o acima do resto da criação e fazendo com que esta orbite em torno desse elemento e o sirva”⁶.

² Tradução livre das expressões: “... restraint of the full effects of sin after the Fall, preservation and maintenance of the created order, and distribution of talents to human beings”, de Vincent Bacote, na introdução ao livro: KUYPER, Abraham. *Wisdom & Wonder: Common Grace in Science & Art*. Ottawa: Christian Library Press, 2011, p. 25 e 26.

³ Para uma exposição mais abrangente sobre esse tema, ver: PAULA, Francisco. Apontamentos introdutórios acerca da relação entre o cristão e a política. São Luís, MA: Seminário Cristão Evangélico do Norte (SCEN), 2016. Artigo aceito para publicação em dezembro de 2016 pela revista eletrônica do SCEN.

⁴ CALVINO, João. *As Institutas*. Vol. IV. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 150.

⁵ KOYZIS, David T. *Visões e ilusões políticas: uma análise & crítica cristã das ideologias contemporâneas*. São Paulo: Vida Nova, 2014.

⁶ *Ibid.*, p. 18.

É normal, em nossa cultura evangélica, associarmos a concepção de idolatria com aquilo que presenciamos no Antigo Testamento (a adoração explícita a deuses distintos de Deus, feitos de madeira e de pedra) ou no romanismo, com seu culto às imagens de santos. Entretanto, a perspectiva bíblica acerca de idolatria é mais ampla que isso. O primeiro mandamento, em Êxodo 20, ao nos instar a não ter outros deuses, não está falando somente sobre ídolos visíveis, mas sobre quaisquer tipos de ídolos que tomem o lugar de Deus como aquele a quem devemos nosso amor último. Quando o Senhor nos conclama a amá-lo acima de todas as coisas, todo amor supremo que desperdiçamos com qualquer outro ser ou objeto que não seja o Criador é uma demonstração de nossa idolatria. Herman Dooyeweerd apresenta isso com clareza:

A essência de um espírito idólatra é que ele separa o coração do homem do Deus verdadeiro e, em lugar de Deus, coloca uma criatura. Toda absolutização do que é relativo aponta para a deificação do que foi criado. Considera-se autossuficiente o que não é autossuficiente.⁷

Chamar de absoluto aquilo que é relativo, chamar de criador o que é criatura, chamar de suficiente o que é insuficiente, confiar em algo precível como fonte eterna: isso é idolatria. O homem erige ídolos em seu coração (ver Ez 14.3), aos quais edifica altares em seu íntimo, nos quais sacrifica diariamente sua vida, em busca de satisfação e salvação, mas sem jamais encontrá-las verdadeiramente. Por toda a vida, busca saciar a sede, mas em fontes sujas e limitadas, ignorando aquele de quem fluem rios de água viva, o Senhor Jesus Cristo (Jo 4.13-14). Afinal, assim como “ídolos imitam aspectos da identidade e do caráter de Deus”,⁸ eles também só conseguem imitar os resultados obtidos por aquele que, verdadeiramente, é soberano.⁹ Nesse sentido, a análise de Koyzis sobre as ideologias representa uma aplicação desse conceito às correntes políticas de nossa época:

No ato de não estabelecer diferença entre a estrutura da criação e seu sentido espiritual, os seguidores das diversas ideologias tendem a pressupor que a salvação vem da libertação da humanidade em relação a alguma faceta da criação de Deus; concomitantemente, eles depositam sua confiança em alguma outra

⁷ DOOYEWEERD, Herman. *Raízes da cultura ocidental: as opções pagã, secular e cristã*. São Paulo: Cultura Cristã, 2015, p. 29.

⁸ POWLISON, David. *Ídolos do coração e feira das vaidades*. São Paulo: Refúgio, 1996, p. 31.

⁹ Conforme Beale, em análise dos textos de Isaías 6 e 44.18-19, “a percepção do adorador não pode ser maior do que a do ídolo a que ele serve”. BEALE, G. K. *Você se torna aquilo que adora: uma teologia bíblica da idolatria*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 41. O texto do Salmo 135.15-18 aponta nessa mesma direção. A partir disso, como poderíamos esperar que as ideologias, por si, fornecessem uma percepção adequada da realidade, formando, com isso, um correto plano de ação para corrigir as falhas observadas?

faceta da própria criação. [...] Nelas [as ideologias], um elemento extraído da criação divina é transformado em uma espécie de deus capaz de nos salvar. Em seu apogeu, a ideologia parece invencível e oferece certa ilusão de veracidade abrangente baseada em pontos que de fato são verdadeiros, sendo aceita por milhões de pessoas. Com o tempo, no entanto, a ideologia perde sua vitalidade e passa a ter menos adeptos, em certa medida por não ter conseguido cumprir suas promessas, mas também porque suas contradições se manifestaram, tornando-a inviável.¹⁰

A partir dessa perspectiva, David T. Koyzis analisa de forma detalhada as seguintes ideologias políticas: liberalismo, conservadorismo, nacionalismo, democracia e socialismo. Para os fins do presente texto, haja vista a impossibilidade de abordarmos tão vasto conteúdo, organizaremos a análise da seguinte maneira: idolatria do indivíduo, idolatria da comunidade, idolatria da tradição, idolatria da igualdade e idolatria do Estado.¹¹

2. IDOLATRIAS POLÍTICAS

2.1 *Idolatria do indivíduo*

A idolatria do indivíduo, em regra, está associada ao liberalismo:

¹⁰ KOYZIS, *Visões e ilusões políticas*, p. 12, 50 e 51. Nesse quesito, o crítico do cristianismo, ou mesmo o cristão que acaba adotando uma visão compartimentalizada da vida, talvez nos confronte com uma objeção comum de que estamos espiritualizando o assunto da política, ao tratá-la em termos de idolatria. Em complemento aos pontos iniciais do presente texto, precisamos reforçar a realidade de que, por ser Deus o criador e sustentador do universo, a cosmovisão cristã parte do princípio de que toda a realidade é teoreferente. Esse conceito foi sintetizado de forma bem clara nos seguintes dizeres: “Teo-referência é um conceito empregado por Davi C. Gomes para indicar que Deus é o ponto de referência último de toda a existência tanto do homem regenerado, pelo poder do Espírito Santo e da Palavra de Deus, quanto do homem não-regenerado. [...] A teo-referência negativa, como é qualificada a existência do homem em constante apostasia, se dá sempre em forma de emancipação em relação a Deus e rebelião contra sua Palavra. A teo-referência positiva indica a existência e a apreensão da realidade no interior de um contexto de significado redentivo ou bíblicamente orientado. A teo-referência (negativa ou positiva) é a condição originária de todo horizonte de compreensão e interpretação humanas. Isso quer dizer que a vida-no-mundo será sempre encarada no interior de um campo de significado de amor ou de rebelião contra Deus”. OLIVEIRA, Fabiano de Almeida. Reflexões Críticas sobre Weltanschauung: uma análise do processo de formação e compartilhamento de cosmovisões numa perspectiva teo-referente. *Fides Reformata*, vol. XIII, nº 1, 2008, p. 31.

¹¹ Nesse sentido, peço ao leitor que seja caridoso em considerar que a tratativa do presente texto é limitada pelo espaço e escopo. Além disso, irei também, em várias ocasiões, fazer generalizações que podem não ser aplicáveis a adeptos das ideologias apresentadas em sua totalidade. Digo isso, inclusive, por mim, que aceito inúmeras alegações delas como verdadeiras e as adoto em meu dia a dia. Para uma análise mais abrangente, recomendo a leitura dos materiais citados. Ao apresentar a realidade idolátrica em cada uma das ideologias mencionadas, não se ignora a realidade de que elas possuem muitos pontos positivos e momentos de verdade, afinal: “As ideologias são incapazes de distorcer completamente o mundo real, o qual, apesar da presença inegável do pecado, continua sendo a excelente criação de Deus” KOYZIS, *Visões e ilusões políticas*, p. 155.

O primeiro e mais básico princípio do liberalismo é: cada um é proprietário ou dono de si mesmo e, portanto, deve ser livre para governar a si mesmo de acordo com suas próprias escolhas, desde que essas escolhas não infrinjam o igual direito dos outros de fazer o mesmo.¹²

A idolatria do indivíduo é fundamentada, portanto, na autonomia do ser humano, na consideração do indivíduo como um ser soberano sobre si mesmo. Em regra, no liberalismo econômico clássico, essa oposição é contra a atuação do Estado. É nesse sentido, no Brasil, que é comum o uso político do termo liberalismo – associando-o, historicamente, ao capitalismo, à liberdade de mercado e ao famoso livro *Riqueza das Nações*, de Adam Smith. Os liberais clássicos consideram que todas as obrigações existentes, limitadoras de sua liberdade, devem advir de acordos voluntários:

Assim, portanto, se removidos todos os sistemas de favorecimento ou de restrição, o óbvio e simples sistema de liberdade natural se estabelece por si mesmo. Cada homem, enquanto não infringir as leis da justiça, é deixado perfeitamente livre para perseguir seu próprio interesse a seu próprio modo, e a trazer tanto seu trabalho quanto seu capital para concorrer com os de qualquer outra pessoa ou categoria de pessoas.¹³

O liberalismo, entretanto, na medida em que se desenvolveu como ideologia mais ampla, promoveu (em seus posteriores desdobramentos, que, apesar de aparentes desvirtuações, guardam relação direta entre si) uma expansão de sua aplicação para todas as demais áreas da vida. Assim, o indivíduo autônomo do liberalismo deixou de se autodeterminar exclusivamente na esfera econômica e política, seguindo em busca de se libertar de todas as amarras existentes, construídas socialmente, segundo defendem.¹⁴ Isso explica o acirramento do movimento feminista, que percebe na ação dos homens, quaisquer que sejam, uma tentativa de limitar a atuação da mulher enquanto mulher; explica o crescimento do movimento pró-aborto, com o seu famoso

¹² Ibid., p. 57.

¹³ SMITH, Adam. *A mão invisível*. São Paulo: Penguin e Companhia das Letras, 2013, p. 120.

¹⁴ Duas considerações precisam ser feitas sobre tal desenvolvimento liberal: (1) Como o próprio nome revela, essa ideologia idolatra também o ideal de liberdade, o que explica esse processo de evolução pelo qual passou. (2) No presente texto, estamos seguindo a interpretação de que existe um vínculo direto entre esses modelos de liberalismo, norteado pelas idolatrias apontadas. Entretanto, grandes expoentes do liberalismo clássico discordariam de tal perspectiva. No prefácio da edição norte-americana do livro *Caminho da Servidão*, F. A. Hayek afirma: “Há, porém, uma questão de terminologia sobre a qual devo aqui dar uma explicação, a fim de prevenir mal-entendidos. Uso, a todo momento, a palavra ‘liberal’ em seu sentido originário, do século XIX, que é ainda comumente empregado na Inglaterra. Na linguagem corrente nos Estados Unidos, seu significado é, com frequência, quase o oposto, pois, para camuflar-se, movimentos esquerdistas deste país, auxiliados pela confusão mental de muitos que realmente acreditam na liberdade, fizeram com que ‘liberal’ passasse a indicar a defesa de quase todo tipo de controle governamental”. HAYEK, F. A. *O caminho da servidão*. Campinas: Vide Editorial, 2013, p. 17.

mote “meu corpo, minhas regras”; explica o processo de privatização da fé, posto que as religiões, com suas visões absolutizantes, tendem a suprimir a liberdade do indivíduo, devendo, assim, ser expurgadas da esfera pública; explica a ideologia de gênero e sua visão de que o indivíduo, enquanto ser autônomo e plenamente livre, deve escolher por si só o seu próprio gênero, independentemente de sua constituição biológica.¹⁵

Em *A Revolta de Atlas*, uma das obras de ficção mais relevantes sobre a visão liberal – especialmente em sua linha mais libertária –, podemos perceber isso quando seu personagem mais importante, John Galt, discursa, já próximo do fim (do livro e dos Estados Unidos no contexto ficcional apresentado):

O homem não possui nenhum código de sobrevivência automático. O que o distingue de todos os outros seres vivos é a necessidade de agir em face de alternativas por meio da escolha de sua vontade. Ele não possui conhecimento automático do que é bom ou mau para ele, de quais os valores em que se baseia sua vida, de que curso de ação tais valores precisam.¹⁶

Ayn Rand segue, pela voz do protagonista, com uma feroz ofensiva às instituições que cerceiam a liberdade do indivíduo, ao atacar, especialmente, sua inteligência (nesse íterim, ela critica as religiões, o Estado e as próprias comunidades). Ao agir assim, idolatrando o indivíduo, o liberalismo desconsidera algumas verdades centrais: a realidade de que o homem é pecador¹⁷; o fato de que somos dependentes, tanto do próximo quanto, fundamentalmente, de Deus; a necessidade do Estado enquanto autoridade instituída por Deus para promover a justiça; a existência de obrigações e restrições não decorrentes de acordos voluntários, mas da própria natureza conforme estruturada por Deus¹⁸ (demonstrando

¹⁵ Para nós, brasileiros, soa estranho associar o movimento liberal com essas perspectivas. Consideramos o liberalismo, via de regra, como uma bandeira de direita, associada ao conservadorismo. Consideramos essas perspectivas feministas, abortistas e da ideologia de gênero como características da esquerda e seu “progressismo”. Entretanto, como Koyzis trabalha em seu mencionado livro, existe uma correlação direta entre o liberalismo econômico e a perspectiva liberal em termos morais – sua raiz religiosa é a mesma. É interessante, nesse sentido, que nos Estados Unidos, os *liberals* são aqueles que possuem afinidade com o partido Democrata, que é o partido de esquerda.

¹⁶ RAND, Ayn. *A Revolta de Atlas*. Vol. III. São Paulo: Arqueiro, 2010, p. 335. Apesar das inúmeras críticas possíveis ao livro e, especialmente ao discurso de John Galt cujo trecho cito, considero esse um livro de leitura fundamental. Parece-me que os romances têm a característica de explicar o mundo de uma forma que os demais livros não conseguem, razão pela qual faço várias referências a estes ao longo do texto.

¹⁷ No livro, esse é um dos pontos que Ayn Rand critica de forma mais enfática, acusando o pecado original de ser um dos grandes males da concepção cristã do indivíduo.

¹⁸ “Para viver essa vida, nenhum homem é auto-suficiente ou bastante provido pela natureza. Pois o homem nasce privado de toda assistência, desnudo e inerte, como se tivesse perdido todos os bens num naufrágio, fosse lançado nas desgraças dessa vida e não se sentisse capaz de, por seus próprios meios, alcançar o seio da mãe, suportar a inclemência do tempo, nem mover-se do lugar aonde foi arremessado”. ALTHUSIUS, Johannes. *Política*. Rio de Janeiro: Topbooks, 2013, p. 103.

que a livre escolha do indivíduo soberano não é absoluta sobre tudo e todos); e a verdade de que a única fonte de redenção real é o Senhor Jesus Cristo, ao nos libertar das amarras do pecado e não do Estado¹⁹ (e/ou outras coletividades).

Nesse ponto, antes de partirmos para o próximo aspecto idolátrico, penso ser possível abordarmos a idolatria do indivíduo, não sobre o aspecto do eu, mas na visão do outro – mais especificamente, de “um outro”. A idolatria do indivíduo ocorre também, penso, quando se considera que determinado líder político é o detentor máximo de autoridade, personificando todas as virtudes fundamentais, na visão do idólatra, para que o caminho rumo à prosperidade, à paz, à segurança, à realização plena, etc., seja por ele pavimentado. Essa visão está, via de regra, associada à idolatria do Estado. Entretanto, não há dúvida de que determinadas figuras são vistas como (quase) deuses por seus seguidores, tornando-os inerrantes e justificando, assim, todas as suas ações como corretas – na realidade, as ações desses indivíduos transcendem as perspectivas tradicionais de bem e mal, não carecendo de justificativas.

Lembro-me, nesse quesito, da grande disputa interna de Raskólnikov na obra *Crime e Castigo*, de Dostoiévski. Ao lidar com seu próprio crime, à luz da visão que possuía sobre a possibilidade de pessoas diferenciadas, indivíduos únicos e extraordinários, ignorarem as leis, sem que houvesse quaisquer prejuízos para eles, Raskólnikov se viu desolado pela percepção dolorosa de si mesmo como uma pessoa ordinária (ao contrário da autoimagem que possuía, destruída quando em choque com a realidade). O jovem estudante explica:

Eu [Raskólnikov] aludi simplesmente a que uma pessoa “extraordinária” tinha o direito... não o direito oficial, é claro, mas o direito pessoal de permitir que sua consciência passasse por cima... de certos obstáculos, e unicamente naquele caso em que a realização de sua ideia (por vezes, salvadora para toda a humanidade, quem sabe) viesse a exigí-lo. [...] Apenas acredito na minha ideia essencial. Ela consiste notadamente em as pessoas serem, por lei da natureza, classificadas em duas categorias de modo geral: a categoria inferior (ordinária), ou seja, por assim dizer, o material que serve unicamente para a reprodução de seres similares, e a das pessoas propriamente ditas, das que possuem o dom ou talento para dizer, em seu meio, uma palavra nova.²⁰

Além de muito do que foi dito aplicar-se a esse modelo de idolatria, talvez menos comum,²¹ há que se acrescentar que as ideologias políticas, via de

¹⁹ Curioso que no “liberalismo moral”, mais tardio, existe uma dependência e idolatria do Estado como aquele que deve assegurar ao indivíduo livre a possibilidade e, mais que isso, a garantia de que poderá agir conforme sua vontade – desde que, é claro, essa vontade seja nos termos progressistas da ideologia liberal.

²⁰ DOSTOIÉVSKI, Fiódor. *Crime e castigo*. São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 296-298.

²¹ Essa postura é muito bem exemplificada em certas estampas de camisas com rostos de figuras “revolucionárias” muito difundidas nos movimentos políticos de esquerda.

regra (e essa marcadamente), seguem a lógica maquiavélica de que “os fins justificam os meios”. Koyzis ataca de forma cirúrgica a questão: “O adepto de uma ideologia é possuído por um fim. [...] A justiça futura pode, portanto, ser vista como uma desculpa para a injustiça presente”.²² A justiça, portanto, não é vista considerando as leis absolutas e estruturais determinadas por um Deus justo, como no cristianismo, mas como algo atrelado aos objetivos que se buscam – por mais que eles não se alcancem e, de fato, não sejam alcançáveis.

2.2 *Idolatria da comunidade*

No livro *A Utopia*, de Thomas More – um clássico tão significativo que a palavra utopia deixou meramente de ser o nome do livro e passou ao vocabulário comum, como sinônimo de algo ideal, inatingível (ou atingível a duras penas) –, o leitor é confrontado com uma nação ideal. Uma comunidade na qual impera perfeita paz e harmonia social. Uma sociedade que vive em sintonia plena. As pessoas vivem em um regime de certa igualdade, no qual suas roupas, seus lares e seus estilos de vida são indistintos entre si, em larga escala. Nessa sociedade, o indivíduo não existe por si só, mas em função e dentro da comunidade perfeita:

Nenhuma criatura viva é gananciosa por natureza, a não ser por medo de carência – ou, no caso de seres humanos, por vaidade, a ideia de que alguém é melhor que as outras pessoas se puder exibir mais propriedade supérflua do que elas. Mas não há âmbito para esse tipo de coisa em Utopia.²³

Esse livro é usualmente associado a uma espécie de ideal comunista, mesmo sendo cronologicamente anterior ao surgimento e expansão dessa ideologia. Apesar de o comunismo e o socialismo terem uma forte característica de idolatria da igualdade e do Estado, como será abordado, eles também possuem o viés da idolatria à comunidade, em detrimento do indivíduo. “Em linhas gerais”, assevera Koyzis, “o socialismo implica que as necessidades da sociedade como um todo tenham precedência sobre os desejos do indivíduo”.²⁴ Nesse ponto, possui uma semelhança com outra perspectiva coletivista: o nacionalismo.²⁵

²² KOYZIS, *Visões e ilusões políticas*, p. 38.

²³ MORE, Thomas. *A Utopia*. São Paulo: Martin Claret, 2013, p. 76.

²⁴ KOYZIS, *Visões e ilusões políticas*, p. 183.

²⁵ Em certo sentido, o nacionalismo também idolatra o Estado, enquanto aquele a quem devemos lealdade por sermos membros em comum da mesma nação. Esse não será tanto o sentido abordado em torno da idolatria do Estado, mas, creio, seria uma afirmação acertada relacionar nacionalismo e socialismo nesses termos – apesar da imensa diferença em relação aos objetivos e à atuação estatal. Tal semelhança não é percebida à toa em uma das ideologias mais odiadas do século 20, o nacional-socialismo – mais conhecido como nazismo.

Diferentemente do liberalismo, que coloca o indivíduo como a unidade fundamental da sociedade, essas perspectivas o colocam em segundo plano, enfatizando o conjunto de pessoas (a nação ou uma comunidade de proletários, por exemplo) como o fator fundamental de sua existência, seu objeto último de lealdade, sua fonte de segurança, a pedra fundamental a partir da qual sua legislação será formada e a identidade dos que dela participam será definida.²⁶ Novamente, tratando mais especificamente sobre o nacionalismo, Koyzis afirma:

O liberalismo tenta libertar o indivíduo das demais vontades que prejudicam a sua soberania; o nacionalismo, de forma análoga, tenta emancipar a nação do controle de quem se encontra fora de seus limites autodefinidos [étnicos ou políticos]. Implícita ou explicitamente, os nacionalistas identificam o mal, em última análise, com o domínio de quem é diferente deles, seja em matéria de raça, cultura, língua ou religião.²⁷

Nessa absolutização do coletivo, podemos destacar também a própria democracia como uma ideologia de feições idolátricas, posto que coloca “o povo” como o ente soberano que governa o Estado. Grande problema ocorre quando o Estado, legítimo agente político, transcende sua esfera real de competência e se torna um tirano que busca aplicar o princípio democrático, da vontade da maioria, sobre todos os indivíduos, organizações e instituições – como se todos possuíssem a característica de ser dirigidos a partir desse princípio.²⁸

A democracia, por melhor que seja – e tem-se dito que é a melhor forma de governo testada até hoje –, possui limitações e se manifesta idólatra sempre que a vontade da maioria for o instrumento último de validação da conduta do Estado e de seus cidadãos. O “povo”, de fato, não é soberano. Nem pode ser, haja vista que a característica de soberania, em si, só existe para algo ou alguém que seja absoluto em si – ao qual todos devam submissão, de forma total, inquestionável e completa.

A perspectiva coletivista, ao colocar a comunidade, a nação ou o povo como o fim máximo e o único meio para a prosperidade, absolutiza o relati-

²⁶ “A ideologia da comunidade claramente conflita com o motivo bíblico da criação. Aqueles que levam a sério o motivo bíblico da criação nunca serão guiados pela ideia de um espírito nacional autônomo que, em sua individualidade absoluta, é sua própria lei e norma. Eles nunca verão uma comunidade *temporal* como a totalidade das relações humanas, das quais as outras esferas da sociedade são apenas partes dependentes”. DOOYEWEERD, *Raízes da cultura ocidental*, p. 202.

²⁷ KOYZIS, *Visões e ilusões políticas*, p. 128.

²⁸ Um exemplo é a comunidade mais básica da qual faz parte o indivíduo: a família. Caso a família fosse dirigida pelo princípio democrático, da maioria como determinante das diretrizes, poderíamos ter o absurdo caso de os filhos se unirem e decidirem desobedecer a seus pais, por mais novos que fossem. Certamente, em uma votação com várias crianças, contra seus pais, sobre a possibilidade de comer doces a qualquer momento ou assistir TV até tarde, os pais perderiam.

vo e comete idolatria. Ela retira Deus de seu trono e o substitui por um falso soberano, que não consegue, de fato, entregar o que promete – ver todos os descabros já cometidos em nome de vários regimes desse tipo, especialmente no século 20.²⁹

Além disso, ao enfatizar demasiadamente o coletivo em detrimento do individual, tais ideologias esquecem o fato de que o ser humano, indivíduo, foi criado à imagem e semelhança de Deus, tendo um valor próprio, intrínseco, independente da comunidade em que se insere. Não existe, portanto, nacionalidade que, por si, torne alguém mais ou menos digno, posto que a dignidade é algo inerente à pessoa. Ignoram, ainda, a realidade de que Deus é, enquanto Trindade, um e três ao mesmo tempo – ou seja, é uma coletividade composta por três individualidades. Essa crítica, válida também para a idolatria individualista, nos indica o valor tanto do indivíduo quanto do grupo, posto o próprio Criador ter em si, em sua essência, essa mesma natureza de unidade e multiplicidade.

2.3 *Idolatria da tradição*

O indivíduo e a ideologia que tem grande apreço pela tradição, pela história e pelos costumes, via de regra, são denominados conservadores. Koyzis sumariza a perspectiva conservadora nos seguintes termos:

Os conservadores atribuem grande valor àquilo que provavelmente os torna mais conhecidos: a tradição. Tradição é o que herdamos do passado, dos nossos predecessores. É algo que resistiu à prova do tempo e mostrou ser útil à sociedade. Uma tradição nem sempre pode ser explicada racionalmente, mas ainda assim é confirmada pela experiência humana. Para o conservador, a tradição representa a experiência acumulada e a sabedoria das gerações passadas.³⁰

Numa primeira leitura, faz bastante sentido ter tal perspectiva, especialmente quando simplesmente nos lembramos da tradição ocidental “recente”, moldada, em grande medida, a partir de uma cosmovisão judaico-cristã. Entretanto, o que falar sobre as inúmeras tradições existentes que são absolutamente incoerentes entre si? Como discernir entre uma e outra sem cair no erro historicista? Sem relativizar toda a moral, ética, política, sociedade, etc., a partir do argumento de que cada comunidade possui seu próprio senso de verdade, manifestado em sua realidade temporal e espacial – sendo que esse não deve ser criticado a partir de padrões contemporâneos (ou, muito menos,

²⁹ Nesse quesito, as seguintes leituras são recomendáveis: BESANÇON, Alain. *A infelicidade do século: sobre o comunismo, o nazismo e a unicidade da shoah*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000; COURTOIS, Stéphane; WERTH, Nicolas et al. *O livro negro do comunismo: crimes, terror e repressão*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2015.

³⁰ KOYZIS, *Visões e ilusões políticas*, p. 95.

transcendentais) do que é belo, verdadeiro, correto e bom?³¹ Qual a tradição certa? Existiria uma? Qual o parâmetro para avaliar as normas tradicionais que devem permanecer e as que devem ser substituídas?³² Dooyeweerd faz uma advertência válida:

A tradição, em si, contudo, não é uma norma ou modelo para determinar qual deveria ser a atitude de alguém diante de um poder que chama a si mesmo de “progressista”. A tradição contém o bom e o mau, e assim ela própria está sujeita à norma histórica.³³

Em um sentido, a perspectiva conservadora erra por sua imanência, ou seja, pela desconsideração de que a tradição, por mais válida que seja, é decorrente de formulações humanas (boas ou ruins), sujeitas ao agir pecaminoso do homem e da comunidade que as forma. O conservadorismo, portanto, perde ao não perceber os parâmetros transcendentais³⁴ e eternos estabelecidos por Deus como parte de sua criação – padrões do que é certo, do que é justo, do que deve ser feito e de como devemos viver. Sem esses padrões, o conservadorismo acaba por limitar-se em sua própria possibilidade de crítica. Acaba,

³¹ Nesse sentido, é possível abordarmos que existe uma idolatria da tradição nas ideologias políticas que adotam uma perspectiva historicista, ao defenderem que as tradições de determinado povo, por mais que aparentem ser moralmente reprováveis, não podem ser, de fato, julgadas pelo nosso crivo cultural – o próprio conceito de crivo cultural é posto em xeque, na realidade. Analisando a evolução do historicismo, Dooyeweerd esclarece o entendimento historicista nesse quesito, revelando a idolatria em destaque: “Todas as nações têm sua própria mente individual, seu *Volksgeist*. A nação revela sua própria cultura em uma liberdade criativa autônoma, incluindo sua própria organização política, linguagem, cultura, ordem jurídica, belas-artes e assim por diante. Padrões gerais de constituições políticas e de leis, de padrões estéticos e morais, etc., adaptáveis a todas as pessoas em todos os tempos, segundo imaginava a filosofia racionalista da Revolução Francesa, não existem”. DOOYEWEERD, Herman. *No crepúsculo do pensamento: estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico*. São Paulo: Hagnos, 2010, p. 130.

³² Os conservadores estão cientes dessa crítica. João Pereira Coutinho afirma: “Existe uma distinção crucial entre a afirmação de que sociedades distintas se organizam distintamente (o que parece ser uma evidência empírica que qualquer pessoa racional aceita e subscreve) e a afirmação radicalmente diferente de que algumas sociedades, para não dizer *todas*, podem viver e sobreviver dispensando certos valores básicos e fundacionais”. COUTINHO, João Pereira. *As ideias conservadoras: explicadas a revolucionários e reacionários*. São Paulo: Três Estrelas, 2014, p. 50 e 51.

³³ DOOYEWEERD, *Raízes da cultura ocidental*, p. 91.

³⁴ Como existe um grande número de cristãos conservadores, muitos captam essa crítica e lutam para superá-la, propondo um conservadorismo cristão. Entretanto, o alerta deve permanecer para todos nós cristãos: a tradição não é suficiente. Como alerta Gene Veith, ecoando Gênesis 2.15: “Tanto as funções tradicionalistas quanto as progressistas são extremamente importantes e valiosas. Embora elas pareçam ser opostas, na verdade são complementares. Elas existem em tensão, mas, ao mesmo tempo, em harmonia”. VEITH JR., Gene Edward. *De todo o teu entendimento: pensando como cristão num mundo pós-moderno*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 59.

assim, por ignorar o eterno em virtude do temporal, o que compromete sua própria temporalidade.

Por outro lado, mas em sentido conectado ao ponto anterior, uma ideologia que idolatre a tradição falha em propor um sentido para o qual a sociedade deva caminhar. Ao, acertadamente, estimar as instituições e valores que existem e que foram deixados pelos formadores de determinado povo, muitas vezes o conservadorismo fornece pouco apoio concreto para direcionar os indivíduos frente às novidades que surgem no organismo social.³⁵ Assim, responde muito mais ao questionamento acerca dos caminhos a serem evitados do que sobre os caminhos a serem trilhados.³⁶

2.4 *Idolatria da igualdade*

Acerca da idolatria da igualdade,³⁷ especialmente no que concerne à igualdade material, a ideologia socialista³⁸ talvez seja a principal representante – apesar de a ideologia liberal, especialmente em sua versão esquerdista norte-americana contemporânea, também apresentar fortes traços de tal idolatria. Tendo em vista o fim supremo da igualdade material, o marxismo estabelece a propriedade privada como o grande mal da humanidade: “Neste sentido, os comunistas podem resumir sua teoria nesta fórmula única: abolição

³⁵ “O conservadorismo poderá ser assim apresentado como uma ‘ideologia de emergência’ – e no duplo sentido da expressão: porque emerge em face de uma ameaça específica de caráter radical; e porque o faz quando essa ameaça põe em risco os fundamentos institucionais da sociedade”. COUTINHO, *As ideias conservadoras*, p. 29. Essa citação, ao mesmo tempo, corrobora e contrapõe a crítica feita: corrobora por indicar um caminho mais de crítica e reação, do que propriamente de ação formadora a priori e imediata; e contrapõe por apresentar o fato de que os conservadores respondem às novidades no seio social a partir dos princípios direcionadores de sua ideologia.

³⁶ “Direi agora o que considero a objeção decisiva ao verdadeiro conservadorismo: por sua própria natureza, o conservadorismo não pode oferecer uma alternativa ao caminho que estamos seguindo. Por resistir às tendências atuais poderá frear desdobramentos indesejáveis, mas, como não indica outro caminho, não pode impedir sua evolução. Por esta razão, o destino do conservadorismo tem sido invariavelmente deixar-se arrastar por um caminho que não escolheu”. HAYEK, F. A. Por que não sou um conservador. Disponível em: <http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=2375>. Acesso em: 23 ago. 2016.

³⁷ Será analisada a idolatria da igualdade sob o ponto de vista da igualdade de resultados, ou seja, da igualdade como consequência de processos (desiguais, se necessários) que deve ser almejada acima de todas as coisas – ela se distingue, portanto, da igualdade em termos de processos ou de direitos. Nesse quesito, podemos perceber a razão pela qual a idolatria da igualdade de resultados, via de regra, está atrelada a um modelo de idolatria de Estado, posto que seria essa a entidade que, através de seu controle político, possibilitaria uma real igualdade econômica última. Para uma discussão sobre essas diferentes visões de igualdade, ver o capítulo “Visões de Igualdade”, do livro: SOWELL, Thomas. *Conflito de visões: Origens ideológicas das lutas políticas*. São Paulo: É Realizações Editora, 2011, p. 143-164.

³⁸ Tendo em vista o forte acirramento dos ânimos na tratativa do tema do marxismo, socialismo e comunismo, bem como a existência de vertentes com distinções, reforço o lembrete acerca da limitação do escopo do presente trabalho. A análise reduzida ajuda na compreensão do ponto específico, e verdadeiro, a ser abordado.

da propriedade privada”.³⁹ A redenção, portanto, estaria na coletivização da propriedade, posto esta pertencer, de fato, à humanidade e não a indivíduos.⁴⁰ No marxismo, o conceito de propriedade estende-se para além de todo o viés meramente geográfico e expande-se para toda a capacidade produtiva do indivíduo – nesse quesito, o conceito de mais-valia é trabalhado por Marx justamente com o propósito de quantificar e qualificar a exploração existente nas relações humanas, reduzidas ao seu aspecto econômico.

Existe, portanto, uma redução de toda a realidade humana a apenas uma área da existência, o aspecto econômico, que é absolutizada e colocada no lugar de Deus, sob um viés de adoração ao deus da igualdade, o único deus. O marxismo de viés mais contemporâneo, o chamado marxismo cultural, aplica essa lógica da exploração econômica a todas as áreas da vida, criando dualismos basicamente entre oprimidos e opressores – os explorados e exploradores. Assim, percebemos o acirramento do feminismo e sua luta contra a desigualdade entre homens e mulheres; a luta dos movimentos de direitos civis contra as desigualdades entre negros e brancos; a luta sobre a questão do gênero e as desigualdades entre os heterossexuais e homossexuais. Além disso, permanece a luta entre classes, no confronto entre a elite e os pobres – que, em algum sentido, está na base de tudo isso, posto ser o “macho heterossexual branco cristão de elite” o opressor máximo, o inimigo supremo a ser combatido. Koyzis analisa:

O ídolo da igualdade se torna um deus zeloso, exigindo que seus adoradores sacrifiquem sobre o seu altar seus outros compromissos e lealdades menos igualitários. Afinal de contas, a própria constituição íntima da vida humana – ou, talvez, a própria ordem da criação – exige que as esposas específicas amem mais a seus maridos que aos outros homens; que um casal de pais ame mais a seus filhos que aos filhos dos outros; que os patrões remunerem os seus próprios funcionários, mas não aqueles que não são seus empregados. Qualquer ideologia que ignore ou negligencie essas responsabilidades específicas, na esperança de encorajar uma valorização igualitária abstrata da humanidade como um todo, será rapidamente confrontada pelo fato de que essa abstração não tem substância suficiente para substituir as fortes redes de compromissos e lealdades particulares que já existem e caracterizam o mundo real das pessoas humanas.⁴¹ Os

³⁹ MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Editora Escala, 2009, p. 72.

⁴⁰ Ver a crítica coletivista já feita ao socialismo.

⁴¹ “A associação simbiótica privada e natural é aquela em que as pessoas casadas, os parentes consanguíneos e os por afinidade, em resposta ao afeto e à necessidade naturais, concordam com uma comunicação definida entre eles. [...] *essa associação é considerada a sociedade, a amizade, os relacionamentos e a unidade mais intensos, o canteiro para as sementes de todas as outras associações simbióticas; daí a razão de os aliados simbióticos serem chamados de parentes, afins e amigos*”. ALTHUSIUS, *Política*, p. 121.

seguidores de uma tal ideologia, serão tentados, assim, a compensar essa falta de substância com o uso da força coercitiva.⁴²

Assim, a ideologia progressista⁴³ do marxismo possui disposição suficiente para sacrificar, no altar do deus da igualdade, a vida de milhões de pessoas – como fez ao longo de todo o século 20. A final de contas, “os fins justificam os meios”, como deixou claro o famoso historiador marxista Eric Hobsbawm⁴⁴ ao responder *sim* quando questionado se a morte de 15 a 20 milhões de pessoas por Stálin seria adequada se tivesse promovido a revolução mundial comunista.

Com a finalidade de alcançar o estado redimido da humanidade, liberta do grande mal que é a desigualdade (materializada na propriedade privada), o homem (não no sentido de indivíduo para o comunismo) está autorizado a agir conforme seja mais adequado à consecução de seus objetivos.

A adoração à igualdade ignora inúmeras verdades caras ao cristianismo. Deus criou os homens com características, qualidades e dons diferentes (ver 1Co 12, por exemplo). Deus criou homens e mulheres com papéis diferentes, iguais em dignidade, distintos em atribuições (ver Gn 2). Conforme nos ensina o oitavo mandamento, a propriedade privada é uma realidade criada por Deus e por ele considerada como digna. Ao determinar “Não furtarás” (Êx 20.15), o próprio Criador apresenta a realidade de que os bens materiais possuem donos legítimos, indivíduos na maioria das vezes.

Igualar a todos é reduzir o próprio significado de ser humano.⁴⁵ A desigualdade, portanto, faz parte da natureza do homem e de seus relacionamentos. O marxismo identifica o homem como sendo essencialmente bom (ver o mito do “bom selvagem”), mas corrompido pelo grande mal da propriedade privada (ou das desigualdades em sentido mais amplo), sendo que somente alcançará sua redenção com a destruição de toda espécie de distinção e desigualdade existente.⁴⁶ Ao fazer isso, substitui a narrativa da criação por Deus, da queda

⁴² KOYZIS, *Visões e ilusões políticas*, p. 207.

⁴³ “Não devemos ser enganados pelo adjetivo ‘progressista’, um rótulo que qualquer movimento espiritual alegremente reclama para si. Uma árvore será conhecida pelos seus frutos”. DOOYEWEERD, *Raízes da cultura ocidental*, p. 99.

⁴⁴ Ver: <http://www.dicta.com.br/hobsbawm-e-o-preco-da-utopia/>. Acesso em: 20 abr. 2016.

⁴⁵ Uma breve ilustração profética desse ponto pode ser lida no breve texto de Kurt Vonnegut Jr. intitulado *Harrison Bergeron*, escrito em 1961, que começa com a seguinte frase: “The year was 2081, and everybody was finally equal”. Disponível em: https://archive.org/stream/HarrisonBergeron/HarrisonBergeron%20Bergeron_djvu.txt. Acesso em: 24 out. 2016.

⁴⁶ Essa análise, em grande medida, foi provocada pelo livro *Verdade Absoluta*, de Nancy Pearcey. Ela afirma: “O correlativo de Marx ao jardim do Éden era o estado de comunismo primitivo. E como foi que a humanidade caiu deste estado de inocência para a escravidão e tirania? Pela criação da propriedade privada, Desta ‘queda’ econômica surgiram todos os males da exploração e luta de classes. A redenção

no pecado e da redenção somente em Cristo por uma narrativa falsa⁴⁷ – e totalmente imanente, do princípio ao fim. Além disso, a religião socialista erra por absolutizar um único aspecto da vida humana, o aspecto econômico, e enxergar toda a grande complexidade da existência através dele. A ideologia igualitarista, assim, comete o pecado da idolatria ao substituir o verdadeiro Deus das Escrituras por um ídolo feito pelas mãos humanas.

2.5 *Imanência e idolatria do Estado*

Existem duas questões finais a serem respondidas neste tópico: há algo em comum em todas essas ideologias? Qual o papel do Estado nelas? Respondendo ao primeiro questionamento: sim. O aspecto da autonomia é um fator comum a todas elas. Todas essas visões buscam implementar seus respectivos programas, uns mais revolucionários que outros, é verdade, por meio de seus próprios princípios e considerando-os suficientes para o cumprimento dos seus objetivos estabelecidos por si mesmos como fundamentais. Desconsidera-se aquele que verdadeiramente é transcendente, o que faz com que aspectos imanentes da existência sejam “transcendentalizados” de forma indevida e idólatra pelas ideologias.⁴⁸ Franklin Ferreira assevera:

Acreditamos que a ausência do “totalmente outro” (*totaliter aliter*) leva pessoas a adotar uma ideologia que ambiciona transcendência, a qual supostamente as auxilia a superar as contradições de uma sociedade existencialmente opressiva,

ocorre pela inversão do pecado original – neste caso, destruindo a posse da propriedade privada. E o ‘redentor’ é o proletariado, os trabalhadores de fábrica urbanos, que se revoltarão em revolução contra seus opressores capitalistas”. PEARCEY, Nancy. *Verdade absoluta: libertando o cristianismo de seu cativo cultural*. Rio de Janeiro: Editora CPAD, 2012, p. 152.

⁴⁷ O aspecto religioso dessa narrativa fica claro, também, no comentário que Ludwig Von Mises faz acerca dos comunistas, socialistas e intervencionistas: “O *dogma* fundamental dessa crença proclama que a pobreza é resultado de instituições sociais injustas. O *pecado original*, que privou a humanidade de uma vida feliz nos jardins do paraíso, foi o estabelecimento da propriedade privada e da empresa. O capitalismo atende apenas aos interesses egoístas dos ferozes exploradores, e condena as massas de homens íntegros ao empobrecimento e degradação progressivos. O que é necessário para tornar prósperas todas as pessoas é a submissão dos exploradores gananciosos ao grande *deus chamado estado*. O motivo ‘lucro’ deve ser substituído pelo motivo ‘serviço’. Felizmente, dizem eles, nem as intrigas, nem a brutalidade provenientes dos infernais ‘monarquistas da economia’ conseguem dominar o movimento reformista. *A chegada da era do planejamento central é inevitável*. Haverá então fartura e abundância para todos”. MISES, Ludwig von. *A mentalidade anticapitalista*. Campinas, SP: Vide Editorial, 2013, p. 93-94.

⁴⁸ Essa imanência é vista, também, em sua visão acerca dos problemas culturais, sociais, econômicos e políticos a serem “combatidos”. Desconsidera-se a existência de qualquer problema que transcenda a ordem daquilo que é visível ou, eminentemente, natural – uma perspectiva do homem como pecador, decorrendo desse fato as misérias humanas, inconcebível, portanto, para muitas dessas visões. Thomas Sowell, comentando as visões de mundo que adotam tal noção, afirma: “Tendo em vista as possibilidades irrestritas do homem e da natureza, a pobreza ou outras fontes de insatisfação somente poderiam ser o resultado de intenções maldosas ou de cegueira diante de soluções rapidamente alcançáveis por meio da mudança das instituições existentes”. SOWELL, *Conflito de visões*, p. 37.

satisfazendo a “preocupação suprema” de suas vidas, o sonho de “outro mundo possível”, a “realização da utopia”.⁴⁹

O liberalismo econômico clássico, por exemplo, diz que se o Estado sair do meio do caminho (e aqui respondo uma parte da segunda pergunta), as relações voluntárias entre os indivíduos livres, serão suficientes para a autorregulação da vida. A democracia defende que se a soberania popular for devidamente utilizada ela irá conduzir a um consenso majoritário que garantirá a paz entre seus cidadãos. O conservadorismo ensina que se formos cuidadosos com as instituições e as tradições que nos têm servido, a sociedade caminhará, mesmo que de forma lenta, para aperfeiçoar-se – nunca será perfeita, mas irá melhorar. O socialismo aponta que um dia o capitalismo será substituído (seja por uma revolta proletária, seja por uma revolta cultural), o egoísmo deixará de existir, e todos viverão em uma sociedade igualitária, na qual a paz reinará eternamente.

Os indivíduos, a coletividade, as instituições e/ou o Estado, autônomos, irão conduzir o mundo para um caminho melhor, declaram essas ideologias. Em última análise, portanto, revelam seu coração apóstata, que desconsidera a realidade bíblica de que em Cristo “vivemos, nos movemos e existimos” (At 17.28), que é Cristo que sustenta “todas as coisas pela palavra do seu poder” (Hb 1.3) e que por Cristo “todas as coisas foram feitas [...], e, sem ele, nada do que foi feito se fez” (Jo 1.3). Essas ideologias, assim, ignoram o fato de que toda a realidade é dependente e não autônoma. O homem é dependência. As ideologias, via de regra, partem da autonomia.

Em resposta ao segundo questionamento, é possível destacarmos, por fim, uma das maiores tendências idolátricas do ocidente contemporâneo: a idolatria do Estado. É fácil, penso, percebermos isso nos modelos extremos de marxismo ou de liberalismo progressista – respectivamente muito bem captados, em minha percepção, nos clássicos de George Orwell, *1984*, e de Aldous Huxley, *Admirável Mundo Novo*. Entretanto, deixamos passar no dia a dia a tendência da nossa própria idolatria estatal.

Todas as vezes que vemos problemas culturais, sociais ou políticos e, automaticamente, consideramos que é papel do Estado resolvê-los, revelamos uma confiança indevida nele. Todas as vezes que diante do sofrimento e das dores, nossas ou do próximo, nos questionamos meramente: “Onde estava o Estado?”, demonstramos que talvez não entendemos bem o seu papel.⁵⁰ Todas

⁴⁹ FERREIRA, Franklin. *Contra a idolatria do Estado: o papel do cristão na política*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p. 142.

⁵⁰ É interessante observar a similitude entre esses questionamentos atuais e uma linguagem própria da religião, que, desde os Salmos, encara o sofrimento e os problemas questionando-se “Onde estava Deus?”. Franklin Ferreira alerta exatamente sobre isso ao afirmar: “O Estado tem assumido papel redentor – e a mistura dessas funções [do Estado e da Igreja] vem causando sérios problemas em ambas as esferas. Portanto, devemos desconfiar do uso de linguagem religiosa misturada às bandeiras políticas, partidárias ou ideológicas, pois a linguagem das duas esferas não pode se confundir”. *Ibid.*, p. 82.

as vezes que terceirizamos a educação dos nossos filhos ao Estado, achamos que é seu papel fornecer saúde universal gratuita,⁵¹ consideramos que ele é o definidor do bem e do mal mediante a lei, seguimos uma tendência de idolatria do Estado. Sempre que fazemos isso, assimilamos a concepção pagã de Estado, que, conforme Dooyeweerd, rastreando o ensinamento de Aristóteles, considera:

O Estado foi contado como parte do dito “terreno natural”, e a visão pagã, aristotélica, predominou. Tal visão se resumia a isto: o Estado é a forma mais elevada de comunidade. Todas as demais relações sociais, tais como casamento, família, relações de sangue, agremiações vocacionais e industriais, todos esses são meramente componentes subordinados que servem ao mais elevado.⁵²

Ao fazermos isso, colocamos o Estado como o soberano, que rege todas as demais esferas da vida humana. Ele é o onipotente, onipresente e onicompetente Estado. O Estado-empresa-hospital-escola-definidor-do-bem-e-do-mal. Nessa perspectiva, o “Estado [...] adquire uma dimensão transcendente, agindo para estender seu domínio ideológico sobre todas as esferas da sociedade”.⁵³ Entretanto, essa não é a visão cristã do Estado. Essa não é a visão cristã do soberano. Kuyper ensinou, em suas famosas palestras sobre calvinismo:

O Calvinismo tem, por intermédio de sua profunda concepção de pecado, exposto a verdadeira raiz da vida do Estado, e nos tem ensinado duas coisas: primeira – que devemos agradecidamente receber da mão de Deus a instituição do Estado com seus magistrados como meio de preservação agora, de fato, indispensável.

⁵¹ Há que se considerar a existência, muitas vezes, de um desejo legítimo atrelado a um pressuposto errado. O desejo legítimo seria a busca pelo bem-estar do próximo (ou mesmo de todos os indivíduos). O pressuposto incorreto seria ignorar a impossibilidade real de indivíduos e instituições imanentes resolverem problemas transcendentais. O indivíduo, diante da lacuna gigantesca entre sua capacidade de atuar de forma responsável e a necessidade imensa decorrente da queda humana, em todas as áreas, procura preencher esse vácuo com uma instituição que seria, dados a ela os devidos poderes, em sua visão que desconsidera o transcendental, capaz de atuar como ele não poderia por si. Assim, tal indivíduo terceiriza ao Estado uma responsabilidade que, sendo sua, percebe como sendo incapaz de cumprir, na esperança de que o Estado atue de forma redentiva. Para uma discussão sobre as formas distintas de perceber o conceito de justiça social e suas consequências: SOWELL, *Conflito de visões*, p. 219 e ss. Para uma discussão sobre a lacuna moral existente entre a possibilidade de atuação do homem e a sua necessidade de atuação: HARE, John. *Por que ser bom?* Uma reflexão sobre a filosofia moral. São Paulo: Editora Vida, 2004.

⁵² DOOYEWEERD, Herman. *Estado e soberania: ensaios sobre cristianismo e política*. São Paulo: Vida Nova, 2014, p. 47.

⁵³ FERREIRA, *Contra a idolatria do Estado*, p. 91. Interessante que, para agir assim, conforme o próprio autor, “as igrejas tradicionais são pesadamente criticadas, pois o que se quer é debilitar a igreja em seu papel de contrabalancear o Estado. A família tradicional também é atacada, pois ela é um bastião de lealdade separado do Estado e, logo, uma inimiga do totalitarismo político”. *Ibid.*, p. 119. Penso que o leitor atento irá exclamar em seu coração: “Eu já vi esse filme!”.

E por outro lado também que, em virtude de nosso impulso natural, devemos sempre vigiar contra o perigo que está escondido no poder do Estado para nossa liberdade pessoal.⁵⁴

O Estado, portanto, para o cristão, possui um papel bastante delimitado.⁵⁵ Existem inúmeros textos das Escrituras Sagradas que nos auxiliam na tarefa de compreender suas funções, seus limites, sua estrutura – tais como Rm 13, Pv 8.15-16, Dn 2.21,37-38, Is 41.2-4 – e nenhum deles atribui ao Estado o papel que atualmente muitos querem que ele tenha.⁵⁶ Existe somente um Soberano, que é o próprio Deus. Todas as instituições, seja o Estado, a igreja, as famílias, a escola, sujeitam-se a ele como o único detentor de soberania. Nesse quesito, novamente, cabe o alerta de Dooyeweerd:

Nem uma única esfera diferenciada da vida – de acordo com sua verdadeira natureza – pode abarcar o homem em todos os relacionamentos culturais. A ciência é tão incapaz disso como o é a arte; o Estado não é mais adequado para fazer isso do que a igreja institucional, o mundo dos negócios, a escola, ou uma organização trabalhista. Por quê? Porque cada uma dessas esferas, de acordo com sua natureza interna, é limitada em sua esfera cultural de poder. A esfera de poder do Estado, por exemplo, é tipicamente caracterizada como o poder da espada. Esse poder é, indubitavelmente, atemorizador. Mas ele não pode abarcar o poder da igreja, ou das artes, ou das ciências.⁵⁷

À luz de tudo o que fora dito, retomamos a pergunta inicial: Qual a melhor visão política para o cristão adotar? Acredito que não existe uma resposta exatamente direta a esse questionamento. Todas as ideologias políticas, por serem criações de homens caídos, possuem aspectos idolátricos – umas de forma mais acentuada, sem dúvida. Todas as ideologias políticas, por serem criações de homens criados à imagem e semelhança de Deus, possuem aspectos de verdade – umas bem menos que outras, isso é inquestionável. Nenhuma delas deve ser aceita de forma irrefletida pelos cristãos. O cristão precisa ser crítico a partir de uma cosmovisão bíblicamente orientada, retendo aquilo que há de bom nelas e rejeitando o que há de mau. Mais que isso, precisamos

⁵⁴ KUYPER, Abraham. *Calvinismo*. São Paulo: Cultura Cristã, 2003, p. 88.

⁵⁵ Wayne Grudem alerta: “Infelizmente, um estado maior implica também um indivíduo menor e um cidadão menor; um governo suficientemente grande para lhe dar tudo o que você quer é um governo suficientemente grande para tomar tudo o que você tem; a mão que ajuda quase sempre se torna a mão que controla”. GRUDEM, Wayne. *Economia e política na cosmovisão cristã: contribuições para uma teologia evangélica*. São Paulo: Vida Nova, 2016, p 95.

⁵⁶ Esses textos são apenas exemplificativos e não exaustivos da visão bíblica sobre o Estado. Não iremos abordá-los por não serem objeto da presente análise.

⁵⁷ DOOYEWEERD, *Raízes da cultura ocidental*, p. 98.

desenvolver uma visão política que seja distintamente cristã,⁵⁸ para evitarmos cair no risco de pensar a política a partir de uma colcha de retalhos retirados das demais ideologias.

CONCLUSÃO

“O homem só será perfeitamente feliz quando for livre. O homem só será perfeitamente feliz quando todos forem iguais. O homem só será perfeitamente feliz quando existir harmonia em sua nação. O homem nunca será perfeitamente feliz, mas pode ser mais feliz ou permanecer feliz se preservar as tradições. O homem será mais feliz quando deixar de ser tão individualista. Somente em uma sociedade verdadeiramente democrática o homem pode ser verdadeiramente feliz. Para o homem ser mais feliz, precisamos preservar sua individualidade.”

O que existe em comum em todas essas respostas, dadas pelas diferentes ideologias? O que isso nos diz sobre o fim principal do homem? A resposta é: a busca pela felicidade, por satisfação, por sentido, por significado, por descanso, por paz como fim último da existência.⁵⁹ No fim das contas, podemos traçar esse objetivo comum em todas as ideologias por corresponderem a um desejo profundo do coração do homem, conforme Agostinho de Hipona bela e brilhantemente afirmou: “Fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti”.⁶⁰ Somente em Deus alcançamos a felicidade que as ideologias, e seus ídolos, prometem.

ABSTRACT

The Christian involvement in the public arena, especially in the area of politics, is the subject of constant discussion. Numerous issues are raised in this field, such as those related to man’s ultimate purpose of glorifying God in every aspect of life. This article has in view to help Christians in the task

⁵⁸ Muitos materiais citados ao longo deste artigo tentam desenvolver tal paradigma, sendo, portanto, valiosos instrumentos para nós cristãos.

⁵⁹ Em certo sentido, essa busca é pela eternidade. Por aquilo que é pleno, que é cheio de significado, que é imperecível. Isso explica a razão de a percepção política, quando “tornada” em ideologia, ter um caráter religioso, idolátrico. A fé é o que conecta o tempo – nossa vida diária, a existência imanente – com a eternidade. E é pela fé que as ideologias se pautam, em última análise, ao elevarem ao status de divindade aspectos criados. Nesse sentido, Dooyeweerd afirma: “Como resultado da queda, a revelação de Deus na criação, especialmente sua revelação no coração da humanidade, assumiu o caráter de uma opinião. Onde o coração se fechou e se afastou de Deus, também a função da fé se fechou para a luz da Palavra de Deus. No entanto, a função de fé ainda permaneceu na posição limite entre o tempo e a eternidade. De acordo com sua própria natureza, permaneceu orientada para a base sólida da verdade e da vida, que se revelou na criação. Depois da queda, no entanto, a humanidade buscou essa base sólida dentro da própria criação, idolatrando e absolutizando o que é, na verdade, relativo e não autossuficiente”. DOOYEWEERD, *Raízes da cultura ocidental*, p. 118.

⁶⁰ AGOSTINHO. *Confissões*. São Paulo: Paulus, 1997, p. 19.

of, from a Christian worldview, dialoguing with some of the main political ideologies of our time: liberalism, Marxism, conservatism, democracy, and nationalism. In order to achieve this purpose, the author initially relates the concepts of ideology and idolatry. Then, departing from the concept of idolatry, he analyzes the main political ideologies, which are organized in terms of the idols that stand in their altars: the individual, community, tradition, equality, and the State. Finally, two aspects are observed that bring together political ideologies, namely, the autonomous foundation and the search for satisfaction as an end, with the conclusion that the Christian must relate critically with the political ideologies.

KEYWORDS

Christian worldview; Idolatry; Politics; Political ideologies.